

RESUMO - ENFERMAGEM

A CORRELAÇÃO DAS DOENÇAS INFECCIOSAS COM A SURDEZ CONGÊNITA

Andréa Cintia Laurindo Porto (andrea.cintialp@gmail.com)

Renan Da Rocha Lira (renazin.rocha@gmail.com)

Sandra Gomes De Oliveira (sandragfono@gmail.com)

Ana Gabrielle Pereira Ricardo (anagabriellepr@gmail.com)

Rayane Justino Gomes (rayanejustino12@gmail.com)

Priscilla Mayara Estrela Barbosa (priscillamayara@yahoo.com.br)

Introdução: Uma doença congênita de origem não genética quando associado a alterações auditivas é qualquer achado auditivo presente no nascimento que ocorre durante a gestão ou até mesmo no momento do parto, podendo ocorrer de forma isolada ou associada a outros sinais (SANTOS; PACHECO, 2011). A maioria das crianças nascidas nessas condições quando submetidas à triagem auditiva, apresentam surdez (HMSPORTUGAL; WORDPRESS, 2011). As doenças como Dengue, Zika e Chikungunya: três doenças que vêm da África e que são causadas pelo mesmo mosquito, o Aedes Egypt, que também é transmissor da febre amarela quando incidem na gravidez traz alterações dos principais sentidos relativos à comunicação humana para a criança (ISAAC, 2005). Objetivo: O presente estudo busca expor as consequências auditivas que as doenças infecciosas causam na criança, quando as mães são afetadas durante a gestação. Metodologia: Trata-se de uma revisão de literatura, na qual selecionou-se artigos completos com acesso em site nacionais (SciELO e

Google Acadêmico), atualizados sobre este assunto abordado. Os critérios de elegibilidade para a seleção dos artigos de fundamentação científica e teórica foram: relatos de casos, pesquisas de campo e outras referências bibliográficas com assuntos pertinentes a alterações auditivas, doenças infecciosas e gestação, publicados a partir de 2003. Resultados e discussão: Em 11 de novembro de 2015, o Ministério da Saúde declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) por alteração do padrão de ocorrência de microcefalias no Brasil (Portaria nº 1.813/2015) e notificou o fato à Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)/Organização Mundial da Saúde (OMS). Percebeu-se que perdas auditivas uni ou bilaterais de grau profundo, à ossificação da cóclea, perda auditiva neurossensorial, lesões vestibulares, danos retrococleares, otite média aguda e as otites externas são causadas por doenças infecciosas e as que mais atingem os bebês, ainda na gestação (MULHERAN et al, 2004). Por isso, o auxílio para esses bebês deve ser feito por equipe multidisciplinar e de estimulação precoce (médico, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e fonoaudiólogo, entre outros). Logo em seguida às primeiras avaliações e efetuação dos exames complementares, sugerem-se reavaliações médicas persistentes para os pacientes estáveis (CAMPOS et al, 2011). De acordo com o prognóstico, são indispensáveis as reavaliações oftalmológica e auditiva semestrais. Porém o que se percebe é uma falta de conhecimento populacional sobre o assunto e isto faz com que a população seja negligente com tais cuidados (PEREIRA et al, 2016). Conclusão: Com o exposto, conclui-se que é fundamental que as gestantes e população sejam alertadas sobre o risco que tais doenças podem acometer as crianças ainda na gestação. E para isso é necessário que o governo aumente as intervenções em pesquisa para vacinas e ações de educação e promoção em saúde, além de dispôr nos hospitais públicos de mais aparatos para diagnosticar e acompanhar o desenvolvimento audiológico de crianças as quais as mães foram infectadas durante a gravidez.